



CAI número de moradores de rua em Campinas: estimativa de especialistas é uma redução entre 70% e 80%; Prefeitura já estuda convênio com universidades para realizar censo. Correio Popular, Campinas, 25 set. 2002.

#### DA AGÊNCIA ANHANGÜERA

O número de moradores de rua em Campinas teve uma queda entre 70% e 80% nos últimos três anos, de acordo com estimativas de especialistas na área. A última pesquisa, feita no ano 2000, apontou que cerca de 500 pessoas viviam nas ruas da cidade, segundo Maria Therezinha Corrêa Marques, representante da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) no Fórum Permanente de Entidades e Órgãos com Atuação junto à População de Rua de Campinas. Hoje, a Secretaria Municipal de Assistência Social estima que entre 100 e 150 pessoas estejam nesta situação. A queda seria decorrente da ampliação dos serviços prestados a esta população.

Os dados foram divulgados ontem no lançamento da *II Semana de Luta do Morador de Rua de Campinas*. Entretanto, este panorama estatístico só será confirmado com a realização de um censo populacional dos moradores de rua. "Vamos estudar um convênio com uma das universidades da cidade para iniciarmos este trabalho", anunciou a diretora de Operações de Assistência Social, Martha Coelho de Souza, da Secretaria Municipal de Assistência Social. Ainda não há prazo para que o projeto seja realizado. Em 2003, um mapa da exclusão também será feito. "Ele não terá caráter quantitativo, mas qualitativo, ou seja, saberemos onde se encontram os pontos de exclusão", explicou.

Segundo Maria Therezinha, a Lei nº 11.204, de abril de 2002, que estabelece os "princípios de atendimento dos direi-

tos fundamentais da população de rua pelo Município", é uma vitória. A iniciativa é do vereador Carlos Signorelli (PT), autor do projeto que deu origem à lei, ainda sem regulamentação. "A regulamentação será feita à

### Em 2003, mapa vai avaliar pontos de exclusão de quem vive pela cidade

medida que estivermos criando condições de implantá-la", justificou a prefeita Izalene Tiene (PT). "Amanhã (hoje), estaremos inaugurando a nova cozinha, lavanderia e refeitório do Sa-

mim (*Serviço de Atendimento ao Imigrante, Itinerante e Mendigante*)", exemplificou.

#### PERDAS

Na história de vida dos moradores de ruas, de acordo com Maria Therezinha, há sucessivas perdas, desde familiares até a da dignidade humana, provocada, principalmente, pelo uso de drogas. O ex-morador de rua Sérgio Luís Longo, de 36 anos, é um exemplo. Ele viveu nas ruas por dez anos. "Comecei a usar todo o tipo de droga e com a morte de minha avó, que me criou e achava que eu tinha esperança, eu deixei de confiar em mim mesmo", relatou. "Eu só tinha a minha roupa e o meu galo (*como os moradores chamam a bolsa que levam*)", continuou. "Saí da rua por vontade de Deus". Hoje, Longo é um dos coordenadores da casa de recuperação para usuários de drogas Flúindo Vidas, que tem como uma das mantenedoras a Igreja Presbiteriana. "A vergonha me levou para as drogas. Eu sofria 24 horas por dia todo o tipo de preconceito."

Segundo ele, há quatro tipos de moradores de rua: o trecheiro (que viaja de ônibus e pára cada dia em uma cidade), o pardal (um tipo trecheiro, mas que mora nas ruas da cidade onde vive), o mendigo (que vive pedindo) e o andarilho (que viaja a pé com saco nas costas e pára cada dia em um local).

A secretária de Assistência Social, Maria Soares de Camargo, disse que grande parte dos moradores não aceita ajuda, como uma mulher que vive em um barraco sobre uma calçada no Jardim Santa Amália. A reportagem foi até o barraco, construído tendo como pilares duas árvores e como parede, um alambrado. Madeiras e cordas dão suporte à cobertura de lona. Em cima das telhas de amianto, pneus e tijolos para segurá-las. Com medo de que a equipe fosse de assistentes sociais, Jandira, de 45 anos, saiu do barraco, que tem colchão e penteadeira. "Ela tem filho e até neto. Morava com eles aqui no bairro. Mas, prefere tomar umas pinguinhas *com nós*", disse o desempregado Antonio Cândido, de 39 anos, que se diz primo de Jandira. Ele e Aparecido Dias, de 55 anos, passam o dia no barraco com Jandira e, à noite, vão para casa. A garrafa de pinga é a companheira dos três. "Ela está aqui porque quer."



**Barraco da moradora de rua Jandira, no Jardim Amália: resistência a abandonar o “lar”**